

A INCLUSÃO DO AUTISTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

JOSEANA FERREIRA DA SILVA

RESUMO

A questão problema de estudo está relacionado como incluir a criança autista nas aulas de educação física, qual vai ser os desafios dos professores de educação física se eles está preparado, saber que o autista tem dificuldades nas suas habilidades sociais e de linguagem e motora, sendo assim a educação física traz uma interação social e na parte motora grande parte dos seus conteúdos, assim vai ser um desafio incluir estes alunos durante muitas atividades abordar aspectos nas aulas e compreender informações, a fim de contribuir o trabalho de profissionais da educação física nas escolas ao trabalhar a inclusão com crianças com autismo, e encontrar na literatura a influência da prática da atividade física nas características da criança com autismo, em algumas pesquisas mostram que aluno autista é muitas vezes são excluídos da aula de educação física ou apenas adaptar aula, sendo assim tem que incluir o aluno, como professor no que podemos contribuir no desenvolvimento dessa criança, ter o apoio da escola e principalmente da família para fazer a inclusão da criança juntos para que essa tenha a inclusão, como nós profissional da educação física conseguimos a conexão social entre o aluno e o corpo docente e técnico pedagógico, favorecendo as relações sociais construtivas e produtivas. Estimular o educando a escolarização, realizar uma gestão estratégica do processo educativo da criança com autismo, apesar das especulações sobre diagnósticos e definição que realmente é o autismo, abordar aspectos nas aulas e compreender informações, a fim de contribuir o trabalho de profissionais da educação física nas escolas ao trabalhar a inclusão com crianças com autismo, e encontrar na literatura a influência da prática da atividade física nas características da criança com autismo.

Palavras-Chave: Autismo Educação. Inclusiva Educação. Física Inclusiva

INTRODUÇÃO

Educação física é uma disciplina que faz parte do currículo escolar básico, assim como matemática, português, geografia, entre outras. Portanto, deve oferecer um conteúdo que instrua, seja organizado, planejado e atualizado. Além disso, a participação ativa dos alunos é necessária. Ela contribui nos domínios comuns do comportamento: cognitivo, afetivo e psicomotor. O professor deve considerar ensinar, guiar e aconselhar como inseparáveis no processo de ensino, assim cada

criança pode desenvolver interesse e habilidades em diferentes atividades com sucesso. A educação física adaptada é desenvolvida partindo do princípio que alguns alunos possuem mais dificuldade em desenvolver essas habilidades, a ponto de precisar de ajuda adicional e especial (SHERRILL, 1981).

A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física Escolar é um desafio a ser vencido pela escola e sociedade, se objetivarmos uma educação para todos. Para isso precisamos estimular a convivência de todas as crianças. O conceito de educação inclusiva acontece por alguns aspectos como: compartilhar o mesmo espaço físico, integração na sociedade, adaptações no ensino, participação de todos nas aulas e o direito a educação (SANTANA, 2005).

Deve-se considerar que a educação é direito de todos, e para isso precisamos pensar nas áreas cognitiva, afetivo-social e psicomotora, devendo a educação física, como componente curricular obrigatório do ensino básico, ter garantidas as condições necessárias à sua prática, ajustada a necessidades de cada faixa etária e condições da população escolar (DISTRITO FEDERAL, 1993).

É importante pensar que a inclusão não deve partir só da família, mas também de todos os profissionais, especialmente do professor de Educação física que trabalha no aspecto desenvolvimento motor, ativa áreas de concentração e da interação social. Neste aspecto, os benefícios da inclusão nestas aulas que proporcionam ao estudante com Transtorno do Espectro Autista, são desenvolver a inclusão social e desenvolvimento motor. (ANDRADE NETO; COSTA; CAVALCANTE NETO, 2018).

CAUSAS E CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS AUTISTAS

Em 1943, Leo Kanner, psiquiatra austríaco radicado nos Estados Unidos da América identificou cientificamente pela primeira vez uma síndrome a que chamou autismo (MARQUES 2000).

Há suspeitas que o primeiro registro de autismo que se tem, aconteceu na França, quando um grupo de médicos encontrou um menino com “hábitos selvagens” (sem o uso da palavra), nas florestas do sul da França na virada do século XVIII para o XIX. O médico Jean Itard se empenhou em educar essa criança. Seus relatórios estão publicados em livros, e toda a sua jornada com esta criança

denominada Victor do Aveyron. Apesar de todo o esforço e dedicação do jovem médico, os últimos registros que se tem são sobre o garoto aos 40 anos, ainda demonstrando medo com as interações sociais e sem o uso da palavra (FERNANDES, 1996).

Léo Kanner realizou os seus primeiros relatos sobre o Transtorno do Espectro autismo, foi possível verificar a dificuldade das crianças com TEA em interagir com os outros. Esse grupo agia como se estivessem sozinhos em seu “próprio mundo”. O autor descreveu esse comportamento como se essas crianças nascessem incapaz adquirir os laços normais afetivos e emocionais, diferentemente das outras crianças sem necessidades especiais (KANNER, 1943).

Na mesma época, o psiquiatra Eugene Bleuler, que também estudou o autismo, contrariou um dos aspectos do autismo estabelecidos por Léo Kanner, dividindo a opinião da comunidade científica. Kanner declarou que todos os indivíduos com o transtorno do autismo não possuíam aptidão para o relacionamento social nem para reagir perante situações da vida. Nessa concepção, o autista não teria imaginação. Ao contrário, Bleuler afirmou que os mesmos indivíduos sofriam com a ausência da realidade, pois penetravam em seu mundo particular, ignorando o seu redor. O autista mergulharia no seu mundo interior, em sua própria e imaginação (RODRIGUES; SPENCER, 2010, p. 19).

Com a necessidade da efetivação de uma Lei que apoia o direito à Educação Especial, em 1994 ocorreu a conferência de Salamanca. Esta foi realizada com o princípio de discutir, entre outros fatores, a necessidade da implementação dos direitos e deveres de crianças portadoras de necessidades especiais. A partir de então, foi criado em 1996 a Lei nº 9.394/96 que defende preferencialmente o seguinte: “Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais” (BRASIL, 1996).

Assim, o aluno com Autismo ou TEA2 (Transtorno do Espectro Autista), público alvo desta pesquisa, apresenta características variadas que comprometem desde as suas relações com outras pessoas à sua linguagem, necessitando, assim, de apoio no seu processo de ensino-aprendizagem. De tal modo, a oferta de escolarização para todos, na perspectiva de inserir os alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) na escola regular, “[...] aos poucos vem ocorrendo em nosso cenário educacional [...]” (CARNEIRO, 2012, p. 13).

A criança com autismo compreende em um transtorno do desenvolvimento de etiologias múltiplas, definido de acordo com critérios elevados clínicos. As características são muito extensivas, afetando os indivíduos em diferentes graus nas áreas de interação social, comunicação e comportamento (HÖHER CAMARGO; BOSA, 2009; SCHWARTZMAN, 2011).

O autismo é resultado de um indevido no desenvolvimento, com consequências graves durante toda a vida. O transtorno agride cerca de cinco entre dez mil crianças sendo mais comum em meninos e podendo ser notado nos primeiros três anos de idade (DIAS; RIBEIRO, 2011).

Estudos também indicam uma incapacidade dos autistas em compreender aparência de realidade, entre algo que parece e algo que é de fato. Isso demonstra uma definição no autismo com relação ao desenvolvimento de uma teoria da mente (BARONCOHEN, 2001). “O autismo como tema toca nas mais profundas questões de ontologia, pois envolve um desvio radical no desenvolvimento do cérebro e da mente” (SACKS, 1995).

Outra causa atual, que pode ajudar a compreender o autismo, refere-se aos neurônios espelho (NE) e implica em uma falha no desenvolvimento de sistemas de NE que podem resultar em uma série de prejuízos decorrentes de desenvolvimento caracterizado por uma síndrome clínica do autismo (WILLIAMS, 2001).

O Transtorno do Espectro Autístico (TEA) é considerado uma síndrome complexa, apresentando uma maior incidência no sexo masculino. As características são manifestadas antes dos três anos de idade, considerando em três principais áreas: “desvios qualitativos na comunicação, interação social e comportamento repetitivo e estereotipado” (ESPIRITO SANTO, 2012, p. 09).

A classificação da Organização Mundial de Saúde refere o autismo como uma síndrome presente desde o nascimento e que se vai manifestar antes dos 30 meses. É característica como uma falta de capacidade na relação social tanto na linguagem verbal como não verbal, por respostas anormais aos estímulos visuais, auditivos, problemas de relacionamento como a incapacidade de manter contacto ocular, ligação social e jogos de grupo, resistência à mudança, ligação a objetos estranhos e brincadeiras estereotipadas, pouca imaginação. Variando a inteligência entre cociente baixo, normal ou acima da média (GAUDERER, 1987, Citado. OLIVEIRA, 2003).

O autismo é uma síndrome que engloba múltiplas etiologias ainda não comprovadas e em diferentes graus de severidade. Atinge cerca de 8 a cada 10 mil indivíduos e sua maior incidência ocorre no sexo masculino (CRAVEIRO DE SÁ, 2003). A mesma autora afirma ainda que na maior parte das vezes, a criança autista tem uma aparência típica e ao mesmo tempo com um perfil irregular, como problemas na interação social, na comunicação e no comportamento, características fundamentais do autismo.

BENEFÍCIOS DA INCLUSÃO DOS AUTISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física escolar é importante, pois contribui em características relacionados à formação geral como o desenvolvimento motor, afetivo, social e cognitivo, visando também o hábito da prática das atividades físicas como sendo fundamentais para uma vida saudável. As atividades, por muitas vezes são realizadas em forma de jogos e brincadeiras por meio do lúdico, o que desperta o prazer da criança para a sua prática (FELLIPE; JUDITH, 2010).

A proposta de educação física para crianças autistas deve ter suas especificas, pois elas apresentam individualidades em seu desenvolvimento sensório-motor, na comunicação e linguagem, na cognição e nas interações sociais. Sendo assim precisam de uma série de adaptações nas atividades elaboradas, tanto no físico como social do local que estão frequentando, em especial as aulas de educação física (HOLLERBUSCH, 2001).

No que diz respeito à coordenação motora podemos dizer que “estudos recentes sugerem que crianças com TEA apresentam características motoras distantes dos padrões normais de desenvolvimento, desde a infância” (BRÁS et al., 2009, p. 141).

A colocação da educação física no ensino dos autistas, favorece o desenvolvimento de habilidades sociais e possibilita uma melhora na qualidade de vida desses sujeitos. No entanto, para uma atividade eficaz na aprendizagem do autista é necessário conhecer cada aluno de maneira individual, sabendo dos seus interesses, de suas habilidades motoras e de suas capacidades comunicativas, o papel do professor de educação física no ensino do aluno autista precisa ter: a

persistência como grande aliada, elaborar um planejamento reestruturado a fim de atender as necessidades desse educando, criar uma relação positiva, desenvolver a independência e manter uma rotina de atividade, já que, exercícios que envolvam regras, gincanas e jogos imaginários, causam uma certa frustração a esses alunos e conseqüentemente o desinteresse pelas aulas de educação física (TOMÉ,2017).

O objetivo da Educação Física adaptada é integrar os alunos com necessidades especiais, em especial o autista, em relação à adaptação e às normas disciplinares, tanto nas aulas teóricas como nas aulas práticas, pois por diversas vezes, o professor tem que optar pela dispensa desses alunos, das aulas de educação física ou optar por deixá-los apenas observando as atividades e os colegas, fazendo com que se sintam diferentes e inferiores aos demais (APARECIDA; SALETE, 2008).

É indispensável que o professor tenha o conhecimento sobre a deficiência do aluno com o qual ele irá trabalhar em sala de aula, pois o sucesso do desenvolvimento do Autista dependerá bastante do conhecimento do professor de Educação Física escolar a disciplina faz parte do currículo básico, como as outras, devendo conter um conteúdo programático, organizado, atualizado, e que instrua os alunos para as atividades, promovendo seu desenvolvimento harmonioso. Porém, a participação de todos os alunos, sem exceção, é fundamental para o bom desempenho da aula, para que ela possa contribuir com o seu desenvolvimento afetivo, psicomotor e cognitivo (SILVA, 2013).

A pesquisas feitas recentemente, como as de Tomé (2007), Marroco e Rezer (2009), relacionando o autismo na educação física, têm sido realizadas em escolas de Ensino Especial (EE), nas quais os professores já são preparados para o EE, ou seja, possuem um método pré-escolhido para se trabalhar o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo de determinada deficiência (RECHINELI; PORTO; MOREIRA, 2008).

O comprometimento do professor e da escola é fundamental na vida de qualquer pessoa no ambiente educacional, e quando se trata de crianças autistas não há diferença na importância. Porém, é necessária uma visão diferente no nível de atenção, sendo um pouco maior do que com as outras crianças, utilizando os métodos ideais e a elaboração de estratégias que permitam ao professor ser capaz de alcançar o desenvolvimento e estimular as capacidades físicas e cognitivas, afetivas na interação e autonomia das crianças Autistas (LOPES, 2011).

Devido às dificuldades qualitativas na interação, comunicação e até mesmo na imaginação, o convívio da criança autista, por meio da inclusão com as outras crianças do ensino regular, no ambiente escolar, é de grande valor, pois estimula o desenvolvimento de suas capacidades interativas, impedindo seu isolamento. Como a inclusão é uma forma de movimento mundial, na busca de direitos e lugar na sociedade, o local que vai acolher o aluno autista deverá modificar-se e preparar-se para recebê-lo de forma que ele se sinta acolhido e confiante, tanto com quem irá acompanhar o seu desenvolvimento como também em relação ao ambiente (LOPES; FACHADA, 2012).

Pesquisas feitas recentemente, como as de Tomé (2007), Marroco e Rezer (2009), relacionando o autismo com a EF, têm sido realizadas em escolas de Ensino Especial (EE), nas quais os professores já são preparados para o aluno que com autismo, ou seja, possuem um método pré-escolhido para se trabalhar o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo de determinada deficiência (RECHINELI; PORTO; MOREIRA, 2008).

As autoras Lima e Delalíbera (2007), apontam que é de suma importância que o aluno autista se adapte à aula de Educação Física no âmbito do ensino regular: “a Educação Física também é capaz de potencializar a socialização e interação das crianças autistas, fazendo com que desenvolvam sua consciência corporal através do próximo”, através da interação com alunos que não possuem deficiência, é possível o autista alcançar um aprendizado com mais facilidade. (LIMA, DELALÍBERA, p.34, 2007).

A Educação Física tem um papel fundamental para o desenvolvimento global dos alunos, tanto quando se trata de motricidade, quanto nos fatores cognitivos, social e afetivo, ajudando-os a se sentirem inseridos em sociedade. Apesar de possuírem algum tipo de transtorno ou alguma deficiência física, os estudantes podem e devem participar das aulas de Educação Física na escola. Para que o aluno autista desenvolva suas aptidões sociais e obtenha progresso em sua qualidade de vida, é necessário que o professor tenha auxílio de uma equipe multidisciplinar, pois a Educação física por si só, não é capaz de suprir todas as necessidades dos portadores desse transtorno, já que o autismo se manifesta de diferentes formas em cada indivíduo (STRAPASSON; CARNIEL, 2007).

DIFICULDADES SOCIAIS DAS PRÁTICAS INCLUSIVAS DO AUTISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Espera-se, então, que a formação do professor, o desenvolvimento das famílias e o apoio de outros profissionais, com um projeto transformador das relações sociais, deem efetividade aos documentos norteadores e ponham em prática ações capazes que superem as desigualdades de condições, os obstáculos e as limitações impostas na escolarização do aluno com deficiência. Isso porque se compreende que o trabalho educacional é uma construção e que o “[...] professor é essencial para o sucesso das ações inclusivas [...]” (CUNHA, 2016, p. 17).

Ouvimos falar muito sobre vários tipos de inclusão, sociedade inclusiva, educação inclusiva, trabalho inclusivo, esporte inclusivo. Não existe processo de inclusão se a família não participar não aceitar, a inclusão resultado do trabalho em conjunto entre toda esta luta pela inclusão, é uma luta para as pessoas da educação não da saúde, em sua maioria não quer saber da inclusão, a inclusão depende principalmente da cooperação e da atitude positiva dos professores (BELISÁRIO FILHO, 2005).

Aguiar e Duarte (2005) dizem que a cultura desportiva e competitiva, implantada desde os princípios da Educação Física, pode gerar resistências à inclusão, no que diz respeito a pessoas que são consideradas menos capazes para um bom desempenho numa competição. Os autores ainda relatam que temos sempre que ter cuidado ao implantar uma prática desportiva nas aulas, pois, quando usada sem os princípios da inclusão, acaba se tornando uma atividade que não ajuda a cooperação. Podendo gerar nos alunos sentimento de frustração.

A educação inclusiva está cada vez mais presente nas escolas de ensino regular. Porém, alguns professores sentem falta de um conhecimento teórico mais claro para lidar com esta situação, por não terem conhecimento suficiente com a educação física adaptada. Entre as crianças com necessidades educacionais especiais que estão frequentando as escolas regulares, está a criança com autismo, um transtorno que afeta principalmente noções sociais (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

O desenvolvimento das habilidades dos alunos com necessidades especiais nas aulas deve acontecer por meio de atividades adaptadas, propostas pelo professor, comprometidas em não os excluir das aulas, como ocorre com frequência nas escolas de ensino regular, com a desculpa de adotar essa prática para preservar o aluno de qualquer eventualidade que possa acontecer no decorrer das mesmas (FERNANDES, 2015).

A Educação Física carrega marcas de conteúdos déficos, esportividades, competitivos e com várias dispensas médicas que sustentam a constatação de um não enfrentamento dos professores diante da falta de conhecimento sobre o outro e suas possibilidades (RODRIGUES, 2010).

Entendemos é que o professor de educação física esteja ciente de que incluir nas aulas de Educação Física não é simplesmente adaptar que a criança com autismo consiga participar das aulas da disciplina, mas é adotar uma perspectiva educacional que valorize a diversidade e seja comprometida com a construção de uma sociedade inclusiva (CHICON, 2005).

Aguiar e Duarte (2005) dizem que a cultura desportiva e competitiva, implantada desde os primórdios da Educação Física, pode gerar resistências à inclusão, no que diz respeito a pessoas que são consideradas menos capazes para um bom desempenho numa competição. Os autores ainda relatam que temos sempre que ter cuidado ao implementar uma prática desportiva nas aulas, pois, quando usada sem os princípios da inclusão, acaba se tornando uma atividade que não favorece a cooperação. Podendo gerar nos alunos sentimento de frustração. “Essa cultura competitiva constitui uma fonte de exclusão e pode se consistir numa barreira à educação inclusiva” (AGUIAR; DUARTE, 2005, p. 225).

A Educação Física traz como contribuição à reflexão da prática pedagógica o princípio da inclusão, no qual consiste: A sistematização de objetivos, conteúdos, processos de ensino e aprendizagem e avaliação tem como meta a inclusão do aluno na cultura corporal de movimento, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas. Busca-se reverter o quadro histórico da área de seleção entre indivíduos aptos e não capacitados para as práticas corporais, resultante da valorização aumento do desempenho e da deficiência (BRASIL, 1998, p. 15).

CONSIDERAÇÕES

Diante das bases relatadas neste trabalho, podemos concluir que crianças com TEA apresentam algumas dificuldades quanto a motricidade global e afetivo , a criança com TEA tem algumas dificuldades motoras e dificuldades em repetir gestos em executar as atividades brincadeiras em grupos não demonstram emoção ou empatia por outras pessoas.

No entanto o professor de educação física através de abordagem é possível abrir possibilidades de intervenção com o aluno com métodos que venham a proporcionar à criança a interação com a aula e com outras crianças e ajudando na interação fora do ambiente fora da escola, e muito importante com auxílio da escola e da família e professores sentem dificuldade de trabalhar a inclusão com criança autista trazendo a competitividade atividades que não favorece muito a inclusão por não ter muita informação.

Sendo assim o papel do professor de educação física e proporcionar uma qualidade de vida e o tornando mais independente diante da sociedade é possível, incluindo a criança.

REFERÊNCIAS]

AGUIAR, J. S.; DUARTE, É. Educação Inclusiva: um estudo na área da educação física. **Rev. Bras. Ed. Esp**, Marília, Maio.-Ago. 2005, v.11, n.2, p.223-240. Disponível em: acesso em: 03 dezembro 2019.

APARECIDA, E. L.; SALETE, E. R. D. **A contribuição da educação física na socialização da criança autista. Autismo em Elos**, Bahia, v. n. 2008.

AMERICAN P. A. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. 5. ed. Arlington: American Psychiatric Publishing, 2013

ANDRADE N, Evandro Cardoso de; COSTA, Laura Emmanuela; CAVALCANTE NETO, Jorge Lopes. **Educação física no desenvolvimento motor de crianças com transtorno do espectro do autismo**: uma revisão. In: SILVA, Osni Oliveira Norberto da; COSTA, Laura Emmanuela; MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas. (orgs.). Educação Física e as pessoas com deficiência. Coleção Movimento: debates e propostas. Volume 7. Goiânia: Editora Kelps, 2018. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=YV-HDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT36&dq=educa%C3%A7%C3%A3o+f%C3%ADsica+autismo&ots=ZwYL0L_WG&sig=zeyKPrnzI3CuiALAYQzBOTH2rkY#v=onepage&q=educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica%20autismo&f=false>. Acesso em: 30 abril 2019.

AGUIAR, J. S.; DUARTE, É. **Educação inclusiva: um estudo na área da educação física**. *Revista Brasileira de Educação Especial*., Marília, Mai.-Ago. 2005, v.11, n.2, p.223-240. Disponível em: acesso em: 03 setembro 2019.

BORDINI, Daniela, Bruni, Ana Rita. Transtornos do aspecto autista. In: ESTANISLAU, Gustavo M; BRESSAN, Rodrigo A. (orgs.). **Saúde mental na escola**: o que os educadores devem saber. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRÁS, G. et al. **Estudos do perfil motor de crianças com perturbações do espectro do autismo**. Estudos em desenvolvimento motor II. Universidade do Porto, 2009. Disponível em: acesso em: 30 Outubro 2019.

BELISÁRIO, J. **Ensaio pedagógicos. Construindo escolas inclusivas**. Brasília: MEC, SEESP, 2005.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases- Lei nº 9.394. Brasília: **PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL, SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS**, 20 dezembro 1996. Disponível em: acesso em: 03 setembro 2019.

CARNEIRO, Relma Urel Carbone. **Formação de professores: da educação especial à inclusiva – alguns apontamentos.** In: ZANIOLO, Leandro Osno; DALL'ACQUA, Maria Júlia C. (orgs.). **Inclusão escolar: pesquisando políticas públicas, formação de professores e práticas pedagógicas.** Jundiaí: Paco Editorial, 2012. p. 7-24

CUNHA, E. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas.** 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

DISTRITO F, **Câmara Legislativa do Distrito Federal.** Lei Orgânica do Distrito Federal. Brasília, 8 de junho de 1993.

DIAS, D. B. A.; RIBEIRO, J. C. **A educação física como meio facilitador do desenvolvimento psicomotor do indivíduo com autismo.** Universo, São Paulo, v. 4, n. 2011 Disponível em :< <http://revista.universo.edu.br/index.php>> . Acesso em: 20 agosto. 2019.

FERNANDES, F Dreux et al. Fonoaudiologia e autismo: resultado de três diferentes modelos de terapia de linguagem. **Pró-fono Revista de Atualização Científica,** Barueri, v. 20, n. 4, p.267-272, nov. 2019.

FELLIPE, A. G.; JUDITH, S. C. L. **Abordagem da aprendizagem: educação física e inclusão do aluno autista.** **Revista lusófona de educação,** Rio de Janeiro, 2010 Disponível em: < <http://www.conpuf.com.br/anteriores/2013/artigos/18.pdf> > Acesso em: 19 Agosto. 2018.

GAUDERER, E. **Autismo.** Rio de Janeiro: Atheneu, 1993.

HÖHER C, S. P.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade,** Florianópolis, v.21, n.1, p.65-74, 2009.

HOLLERBUSCH, R. M. da S. L. **O desenvolvimento da interação social das crianças com alteração do espectro do autismo: estudo exploratório da influência da educação física na promoção do relacionamento interpessoal.** Universidade do Porto, 2001. Disponível em: < <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10135>> Acesso em: 1 Setembro 2019

KANNER, L. **Distúrbios autísticos de contato afetivo.** *Nervouschild*, 1943. vol. 2, p. 217-250 Disponível em: acesso em: 07 dezembro 2011.

MARQUES, C. **Perturbações do espectro do autismo. Ensaio de uma intervenção construtivista desenvolvimentista com mães.** Lisboa: Quarteto Editora, 2000.

RECHINELI, A; PORTO, Eline Tereza Rozante; MOREIRA, Wagner Wey. **Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física.** *Revista brasileira de educação e esporte.* Marília, v. 14, n. 2, p. 293-310, maio/ago. 2008.

RODRIGUES, J MARTA C.; SPENCER, E. **A criança autista: um estudo psicopedagógico.** Rio de Janeiro: Wak, 2010.

STRAPASSON, A. **Apostila de educação física para pessoas com deficiência da faculdade de pato branco.** Pato Branco, PR: FADEP, 2006/2007.

SANT'ANA, M.I. **Educação Inclusiva: concepções de professores e diretores.** *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 10, nº 2, 2005.

SHERRILL, C. **Adapted Physical Education and Recreation.** United States Of America: Wm. C. Brown Company Publishers, 1981

SILVA, Thalita Narciso da. O trabalho de profissionais da educação física com alunos com autismo: revisão de literatura. 2013. 56 f. TCC (Graduação) - 22 Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

TOMÉ, M. C (2007). **A Educação Física Como Auxiliar No Desenvolvimento Cognitivo E Corporal Dos Autistas.** Disponível em: https://www.toledo.pr.gov.br/sites/default/files/autista_0.pdf. Acesso em: 27 nov.2019.